

III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem
XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul
III Encontro dos Mestrados Profissionais em Educação e Letras

Tema: **IMPACTO DAS REFORMAS EDUCACIONAIS
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

UEMS, Campo Grande, Brasil - 06 a 08 de junho de 2018



O “EU” CRIANÇA INDÍGENA A PARTIR DA FALA DE ACADÊMICOS INDÍGENAS

Flávio Rafael Ventura Candia
(Universidade Católica Dom Bosco)
Bolsista PIBIC/CNPQ

Adir Casaro Nascimento
(Universidade Católica Dom Bosco)

Introdução

O trabalho aqui apresentado é um dos resultados do plano de trabalho do PIBIC intitulado “Crianças indígenas Guarani no Mato Grosso do Sul: aproximações para um campo de pesquisa”, que faz parte do projeto de pesquisa “Formação de Professores Indígenas no Mato Grosso do Sul: relações entre territorialidade, processos próprios de aprendizagem e educação escolar”.

Tem por objetivo ampliar os estudos com/sobre a criança indígena, assim como mostrar através das falas de acadêmicos indígenas as várias vivências de infância indígena que se fazem em territórios diferentes, com seus costumes, religiosidades e cosmologias.

Metodologia

Dentro do plano de trabalho foram realizadas diversas atividades que visaram compreender os objetivos do plano, ainda que parcialmente, como participação em eventos realizados dentro da instituição, comparecimento às várias reuniões do Grupo de Pesquisa em Educação e Interculturalidade PPGE/UCDB, pesquisa no banco de dissertações e teses do Mestrado e Doutorado em Educação da UCDB sobre os estudos com foco na criança indígena, assim como leituras que pudessem de alguma forma contribuir para o embasamento e também o andamento do trabalho, oriundas das áreas da Antropologia, da Educação e da

História. É importante destacar que as culturas indígenas não têm o mesmo movimento que as culturas ocidentais para conceituar o que seja uma criança indígena.

Especificamente para este trabalho, foi realizada uma entrevista semiestruturada com acadêmicos indígenas integrantes do Projeto Rede de Saberes, que é vinculado ao NEPPI (Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas), da UCDB.

A entrevista foi feita com 02 (dois) acadêmicos de etnias diferentes – Kinikinau e Xavante – que se dispuseram a relatar o cotidiano de suas infâncias em suas respectivas aldeias. A entrevista contou com intervenções quando se falava sobre a relação com a família, com os mais velhos, com a escola.

Resultados e Discussões

Num primeiro momento de pesquisa o objetivo foi de construção de uma base teórica e metodológica que permitisse entender o papel do pesquisador dentro da formulação de estudos que tragam a criança indígena a partir do seu cotidiano, dentro da educação indígena e também dentro da educação escolar indígena.

A partir dos relatos dos acadêmicos foi possível entender as enormes diferenças pelas quais passaram no decorrer da infância.

O acadêmico da etnia Kinikinau falou sobre sua infância ao longo de duas horas de conversa de maneira rápida e esparsa. Seu foco se manteve na história e trajetória de luta dos povos Kinikinau em busca do reconhecimento étnico e, mais atualmente, de demarcação de um território necessário para a manutenção e preservação da sua cultura. Segundo o censo de 2010 do IBGE, existem 213 indígenas da etnia Kinikinau, vivendo entre Porto Murtinho, Aquidauana, Nioaque e Miranda. Sua maior concentração está na Reserva Indígena Kadiwéu, que “possui aproximadamente 538.536 hectares, onde vivem cerca de 1.400 indivíduos, sobretudo das etnias indígenas Kadiwéu, Kinikinau e Terena, com predominância da primeira”. (SILVA, 2003).

De origem da Aldeia São João, da Reserva Indígena Kadiwéu, o acadêmico Kinikinau falou que cresceu em fazendas. De seus pais, somente sua mãe sabe a língua tradicional, língua essa que é “provavelmente filiada à família lingüística Aruak” (SILVA, SOUZA, 2003, on-line). Não teve nenhum ensino da linguagem na família e, até mesmo na escola, onde existe o ensino das línguas Kadiwéu e Kinikinau, o tratamento não é o mesmo que é dispensado à língua portuguesa. As festas, os ritos e costumes não são realizados periodicamente, acontecendo mais na “Semana do Indígena” que ocorre no mês de abril, em

parte pela falta de movimento de dentro da comunidade, mas ainda mais por essas festas acabarem em brigas e hostilidades com o povo Kadiwéu, que são oficialmente donos do território demarcado. Segundo ele, hoje perdeu-se a tradição no ensino da crianças Kinikinau.



Figura 1: A cerâmica Kinikinau é uma das formas de expressão que ainda resiste, mas não é ensinada de forma sistemática às crianças. Fonte: Pinterest. Disponível em: <<https://www.pinterest.pt/pin/240238961351666085/>>. Acesso em maio de 2018.

O acadêmico de etnia Xavante relatou uma vivência diferente daquela apresentada pelo Kinikinau. Segundo SOUZA et al. (2016, p. 326), “o território Xavante localiza-se no Planalto Central brasileiro, entre o Rio das Mortes e os formadores do Rio Xingu, no leste do Estado de Mato Grosso”.

A vivência da cultura Xavante é forte entre as crianças. Desde cedo quem cuida, ensina as línguas e as brincadeiras tradicionais é a mãe. Os avós e outros ancião também ocupam papel central na vida das crianças Xavante, contando histórias e ensinando os mitos, a religiosidade, as guerras que os Xavante travaram com outras tribos.

A primeira língua a ser aprendida é a Xavante, sendo o português secundário. É na escola, que se inicia a partir dos 5 anos, que eles têm contato com a segunda língua, e ainda assim através de professores indígenas. Ainda assim, a escola é considerada muito importante para a comunidade, por isso todos a frequentam.

No relato do acadêmico Xavante, desde criança todos participam de várias cerimônias. As mulheres têm uma maior restrição na participação delas, sendo sendo os homens quem realizam a maior parte delas. A mais importante é a Wai’a, que marca a iniciação do jovem em contato com os espíritos. Todos os homens devem participar uma vez na vida desta cerimônia, que é realizada a cada 15 anos.



Figura 2: Imagem da Festa Wai'a. Fonte: National Museum of the America Indian. Disponível em: <<http://filmcatalog.nmai.si.edu/title/1780/>>. Acesso em maio de 2018.

Considerações Finais

O trabalho em andamento não tem como objetivo fazer comparações de qualidade de uma cultura com a outra, de um modo de ser, viver, ou se relacionar com o outro. É, como dito anteriormente, mostrar através das falas de acadêmicos indígenas as várias vivências de infância indígena que se fazem em territórios diferentes.

Mas podemos deprender que as circunstâncias que cercaram o crescimento de cada um de nossos interlocutores foram cruciais no seu desenvolvimento e em seu modo de vivenciar a cultura tradicional. Neste ensaio de pesquisa podemos perceber que ter ou não o território tradicional, a territorialidade que afeta a construção da cosmologia de um povo e interfere na produção e manutenção da cultura, que se dá desde os primeiros anos de vida. O território que um não possui e o outro sim, a territorialidade que num caso não existe e no outro sim. Isso afeta toda a cosmologia de um povo, e interfere na produção e manutenção da cultura.

Referências

IBGE. O Brasil Indígena. Disponível em:

<https://indigenas.ibge.gov.br/images/pdf/indigenas/folder_indigenas_web.pdf>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

NASCIMENTO, Adir Casaro. URQUIZA, Antônio H Aguilera. VIEIRA, Carlos Magno Naglis. Mato Grosso do Sul: relações entre territorialidade. Disponível

em: <http://www.capes.gov.br/images/seminarios/iv-observatorio-da-educacao/Educacao_Escolar_Indigena/Formacao_de_professores_Guarani_e_Kaiowa_-_relacoes_entre_territorialidade__processos_proprios_de_aprendizagem_e_escola_-_Adir_Casaro_Nascimento.pdf>. Acesso em 01 de maio de 2018.

SOUZA, Luciene Guimarães de; et al. Os indígenas Xavante no Censo Demográfico de 2010. Revista Brasileira de Estudos de População, Rio de Janeiro, v.33, n.2, p.327-347, maio/ago. 2016.

SILVA, Giovani José da. A construção física, social e simbólica da Reserva Indígena Kadiwéu (1899-1984): memória, identidade e história. Dourados, MS: UFMS, CPDO, 2004.

_____. SOUZA, José Luiz de. O despertar da fênix: a educação escolar como espaço de afirmação da identidade étnica Kinikinau em Mato Grosso do Sul. Sociedade e Cultura, Goiânia, vol. 6, n. 2, julho-dezembro, 2003, pp. 149-156.